

LITERATURA VISUAL/SURDA: relevância e encorajamento à sua produção nas escolas

GT 7- EDUCAÇÃO DE SURDOS

Maria Gorete de Medeiros
Profa. Me. da UAEd da UFCG
goretendidatica01@gmail.com
Maria do Socorro Leal Cabral
mscoca@ig.com.br
Professora da EDAC¹

RESUMO

O discurso do Decreto nº 5.626/05 concede à educação bilíngue para surdos sentido social que abrange a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e a Língua Portuguesa numa relação intrínseca com os aspectos culturais determinantes e determinados por cada língua. As pessoas surdas trilham num ambiente bicultural, o que lhes permite conhecer traços da cultura oralista e sua própria cultura. Neste cenário, a Literatura Visual/Surda é relevante para a formação do leitor surdo sob a perspectiva de fortalecer sua identidade cultural, destinando-se à construção e desenvolvimento de uma tradição literária surda. Assim, partindo de uma pesquisa literária considerando estudiosos como: STROBEL (2008); PERLIN (1998, 2004); SANTANA (2005); HALL (1997); KARNOPP (2010); SÁ (2002); SALLES (2004); POSSEBON e PEIXOTO (2013), elaboramos este artigo sob o propósito de desenvolver esclarecimentos teóricos e práticos sobre a importância da utilização da Literatura Visual/Surda para a formação da Identidade Surda, bem como algumas orientações inerentes ao know how da produção dessas obras por parte dos alunos surdos, para enriquecer o arsenal de obras originais da cultura surda existentes em tempos presentes para que sejam projetados num futuro literário de valorização da língua e da cultura surda. Entendemos que a socialização desses esclarecimentos seja de suma importância no sentido de esclarecer e de encorajar nossos professores a desenvolverem ensino bilíngue aos surdos e ouvintes a partir do realce de obras literárias inerentes às realidades da comunidade surda.

Palavras-Chave: Ensino Bilíngue. Literatura Visual/Surda. Identidade Surda.

ABSTRACT

Speaking of Decree Number 5.626 / 05 grants to bilingual education for deaf social sense covering Brazilian Sign Language (Libras) and the Portuguese language an intrinsic relationship with the key cultural aspects and determined by each language. Deaf people tread a bicultural environment, which allows them to know the traits oralist culture and their own culture. In this scenario, the Visual Deaf Literature / is relevant to the formation of the deaf from the perspective of strengthening their cultural identity and is designed for the construction and development of a literary tradition deaf reader. Thus, from a literary scholars considering research as: STROBEL (2008); PERLIN (1998, 2004); SANTANA (2005); HALL (1997); KARNOPP (2010); SÁ (2002); SALLES (2004); POSSEBON and PEIXOTO (2013), prepared this article in order to develop theoretical and practical explanations about the importance of using the Visual / Literary Deaf to Deaf Identity formation, as well as some inherent guidelines to know how the production of the works by deaf students, to enrich the arsenal of original works of deaf culture existing in the present times which are designed for a literary future valuation of language and deaf culture. We understand that the socialization of these explanations is of paramount importance to clarify and encourage our teachers to develop bilingual education for deaf and hearing from the enhancement of literary realities inherent to the deaf community.

Keywords: Bilingual Education. Visual/Deaf Literature. Deaf Identity.

¹ EDAC corresponde a Escola Estadual de Audiocomunicação Demóstenes Cunha Lima, escola especial para alunos surdos de Campina Grande-PB.

Introdução

Em todas as culturas é através da literatura que as pessoas exploram a imaginação, contam história, manifestam emoções e transmitem elementos culturais às gerações posteriores. Mesmo que na cultura surda o acesso ao mundo literário não seja tão possível quanto o é na cultura ouvinte, as crianças, jovens e adultos surdos também podem fazer o mesmo que os ouvintes, só que através do gosto da leitura visual em sua língua de sinais – LIBRAS para os surdos brasileiros.

Além de a Literatura Surda ser relevante para o processo de alfabetização, também permite cultivar questões inerentes à identidade, cultura e subjetividade. Na criança e no jovem isto é de fundamental importância porque permite um desenvolvimento afetivo, social e cognitivo mais acurado e afinado com as diferenças surdas. Para a criança surda a literatura infantil precisa ser uma constante tanto no meio familiar, quanto no escolar e no religioso, porque pesquisas já comprovaram que elas aprofundam seu conhecimento e aprendizagem através da fantasia, cultura e língua de sinais, ao modo de poderem perceber e comparar o mundo dos surdos com o dos ouvintes.

Mediante esse reconhecimento, elaboramos este artigo com o objetivo de ofertar esclarecimentos teóricos e práticos tanto sobre a importância da utilização da Literatura Visual/Surda para a formação da Identidade Surda, quanto sobre algumas orientações inerentes ao como fazer a produção dessas obras por parte dos alunos surdos, pois entendemos que as escolas precisam incentivar a produção de obras surdas originais.

1. Relação da Literatura Surda e a Identidade Surda

Para fazer referência à Literatura Surda é mister oferecer alguns esclarecimentos sobre cultura e identidade surda. Por isto a seguir o leitor encontrará alguns desses esclarecimentos.

Strobel define cultura surda como sendo “jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades!” (STROBEL, 2008, p. 24). Quanto ao conceito de identidade, Perlin (1998) faz referência àqueles indivíduos que estão inseridos no grupo dos surdos fazendo uso da experiência visual que é específica a

esse grupo de pessoas, sendo esta experiência desenvolvida a partir do encontro surdo-surdo, num processo de construção identitária do ser surdo.

A respeito de identidade surda, Perlin (1998 apud SALLES, et al, 2004, p. 41) informa que não é única, pois existem diferentes identidades surdas na comunidade surda: híbridas, inconformadas, transição, flutuante e surda.

As **identidades híbridas** são instituídas pelas situações em que pessoas nasceram ouvintes, mas depois se tornaram surdas. Neste caso elas já passaram pelo conhecimento da estrutura da língua portuguesa falada, mas passaram a depender da língua de sinais para se comunicar.

As **identidades inconformadas** são as que decorrem de situações em que “o surdo não consegue captar a representação da identidade ouvinte, hegemônica, e se sente numa identidade subalterna”. (PERLIN, 1998 apud SALLES, et al, 2004, p. 41)

As **identidades de transição** resultam das situações em que somente após viverem muito tempo em ambientes ouvintes e sem contato com a identidade surda, sujeitos encontram a sua comunidade surda, acontecendo a transição da comunicação oral para a visuoespacial. Neste caso, o surdo pode experimentar um conflito cultural.

No caso das **identidades flutuantes**, os sujeitos surdos se reconhecem através de um modelo ouvintista e, por isto, privilegiam o uso da língua oral.

As **identidades surdas** emergem do encontro contínuo de surdo com a sua comunidade. São nesses encontros que as identidades surdas eclodem pela troca de experiências e de conflitos que possibilitam uma ressignificação das próprias representações (SÁ, 2002, p. 101).

A respeito da formação dessas diferenças, “a identidade não pode ser vista como inerente às pessoas, mas sim como resultado de práticas discursivas e sociais em circunstâncias sócio-históricas particulares.” (SANTANA, 2005, p. 571). Deste modo é indiscutível a ideia de que cultura e identidade se relacionam. Nesse processo relacional,

as identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas moldam-se de acordo com a maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito. E dentro dessa receptividade cultural, também surge aquela luta política ou consciência oposicional pela qual o indivíduo representa a si mesmo, se defende da homogeneização, dos aspectos que tomam corpo menos habitável, da sensação de invalidez, de inclusão entre os deficientes, de menos valia social. (PERLIN, 2004, p. 77-78)

Para a mesma autora, a cultura surda é algo que o surdo sente na pele, que compartilha e que tem em comum com seus pares, enquanto conjunto de princípios, condutas, valores e comportamentos. Hall explicita isto afirmando que

a cultura tem a ver com a produção e intercâmbio de significados – o “dar e receber de significados” – entre os membros de uma sociedade ou grupo. Dizer que duas pessoas pertencem a uma mesma cultura é dizer que elas interpretam o mundo da mesma maneira mais ou menos parecida e podem se expressar, seus pensamentos e sentimentos concernentes ao mundo, de forma que seja compreendida por cada um. Assim sendo, a cultura depende de que seus participantes interpretem de forma significativa o que esteja ocorrendo ao seu redor, e “entendam” o mundo de forma geral semelhante. (HALL, 1997, p. 2)

A transmissão da cultura surda às gerações futuras tem relevância na construção da identidade possibilitando a expressão das subjetividades. Às crianças ela é transmitida através do contato com adultos surdos, por artefatos gerados por grupos de surdos como teatro, poesia visual, brinquedos e a Literatura Surda. Esta última possibilita explorar a fantasia e a imaginação, como também diferentes formas de linguagem e experiências culturais. Através da narrativa de uma história a criança descobre diferentes lugares, tempos, maneiras de agir e de ser. Daí porque a literatura infantil é essencial para o desenvolvimento da criança.

A Literatura Surda sempre esteve presente na comunidade surda. Em se tratando de histórias dentre os surdos podem ser encontrados aqueles que são verdadeiros contadores de histórias. O registro dessas produções artísticas é socialmente relevante para os surdos assim como são os registros das histórias dos ouvintes para ouvintes. Por outro lado, quando se trata de propagar o jeito de ser surdo e as características da sua cultura, o contato dos ouvintes com as histórias da Literatura Surda é de grande valia para que eles se apropriem desses conhecimentos surdos. Pedagogicamente esta é uma condição imprescindível na efetivação do ensino e na aquisição da aprendizagem bilíngue, que deve ser inerente à prática de ensino que precisa ser desenvolvida nas escolas brasileiras que se proclamam inclusivas.

As atitudes educacionais que põem em prática condições de registros de histórias contadas pelos alunos surdos (e/ou por surdos que estão fora da escola) são indispensáveis quando se pensa em proporcionar a estas instituições um material fundamentado na cultura das pessoas surdas. Neste sentido, o registro do imaginário da comunidade surda necessita da atuação de surdos e tradutores para que haja o assentamento dessas produções em língua de sinais.

De acordo com Possebon e Peixoto (2013) existem três tipos de Literatura Visual, a saber: traduções, adaptações e criações.

Quando os surdos traduzem algumas obras de Literatura Oral para a sua Língua de Sinais, a obra passa a ser incluída no tipo de Literatura Visual de Tradução, pois, mesmo sendo apresentada em LIBRAS, o seu conteúdo difunde conhecimentos inerentes à cultura dos ouvintes. A importância dessa literatura caracteriza-se por uma criança surda conhecer as histórias infantis na mesma idade que uma criança ouvinte, constituindo um recurso de acessibilidade literária.

Quando uma história traduzida para LIBRAS for apresentada às crianças exige mais do que simples leitura acompanhada da tradução pelo intérprete, pois precisa estar bem organizada em termos de motivações visuais para prenderem a atenção das crianças. Neste caso, recursos como a Escrita da Língua de Sinais (Sign Writing) em material impresso e ilustrados com imagens são muito bons. Outro, a caráter, constitui-se em fazer a tradução para LIBRAS em vídeo, cuja narrativa seja apresentada sob diálogos dramatizados em ambientes adequados aos contextos e/ou através de um narrador sob uso de imagens ou outros recursos tecnológicos estratégicos afins.

No caso do uso do vídeo, além de ser interessante para alunos surdos, também o são para o professor ensinar LIBRAS aos alunos ouvintes. A propósito, quando a história já é conhecida pelo aluno ouvinte fica-lhe mais fácil aprender os sinais, sendo melhor ainda quando os vídeos vêm acompanhados da legenda em português.

A adaptação linguística, cultural e social de uma história da cultura ouvinte para a Cultura Surda é relevante porque favorece a identificação das crianças surdas com os respectivos personagens, mas são as produções originais criadas pelos surdos que são denotam maior significância na Literatura Visual/Surda, uma vez que procedem da originalidade linguística, cultural e social das experiências cotidianas dos surdos.

De acordo com Possebon e Peixoto (2013), no Brasil a produção da primeira fita de vídeo com obras da Literatura Surda (de autoria do Surdo Nelson Pimenta) foi em 1999. Este livro digital (hoje em DVD) contém quatro poesias em LIBRAS, a saber: “Bandeira do Brasil”, “Natureza”, “Língua Sinalizada e Língua Falada” e “O Pintor de A a Z”.

A relevância dessa produção para os Surdos brasileiros foi muito grande, pois serviu para fazer saber aos ouvintes que pessoas surdas também são capazes de criar a sua própria Literatura Sinalizada. Além disto, essas obras abriram alas para a criação de outras tantas e ficaram imortalizadas podendo ser conhecidas pelas futuras gerações.

Sob a influência dos avanços tecnológicos que permitem diferentes formas de registro e de produção de obras surdas, a Literatura Visual/Surda tem crescido em todo o mundo e as criações de textos sinalizados tem sido cada vez mais diversificada abrangendo poesias, fábulas, histórias, prosas, piadas, filmes, dentre outros existentes.

2. Dicas para a produção de artefatos da Literatura Visual/Surda

Mesmo que na internet as escolas possam ter acesso a Literatura Visual, há de se convir que a quantidade disponível não faz jus à criatividade e à boa vontade que os Surdos têm de produzir esses artefatos. Inclusive a falta de iniciativa em relação ao ensino da escrita de sinais tem “amarrado” as produções de obras literárias escritas brasileiras (e paraibanas) para surdos, sejam na modalidade de adaptar as que já existem para a cultura surda, sejam na criação de obras originais da cultura surda.

Se ao invés de escassez os surdos tivessem experiências mais abundantes com narrativas, com textos literários (em sinais ou através de leituras), nas escolas e em suas casas, com professores, pais, irmãos ou outras pessoas lhes contando histórias, ampliariam suas habilidades para utilizar a imaginação, criatividade e emoção tornando-se produtores assíduos de histórias. Sob essa perspectiva, sugerimos que todas as escolas regulares do país, sejam as especiais aos surdos ou as outras, incrementem a utilização (e a criação!) de gêneros literários no ensino de conteúdos, essencialmente no ensino da LIBRAS.

Por exemplo, no caso de ser desenvolvida uma aula utilizando o vídeo “Cinco Sentidos em Libras”, interpretado pelo poeta surdo Nelson Pimenta, poderiam surgir oportunidades para os alunos surdos produzirem suas próprias criações. Assim, noutra aula poderia ser oferecida aos alunos a possibilidade de, utilizando a criatividade inerente à Literatura Visual, grupos de alunos produzirem textos informativos, de piadas e de contos ressaltando a diferença que existe entre os “Cinco Sentidos em Português” e os “Cinco Sentidos em Libras”. Esta dinâmica ocorreria não na expectativa de produzir

textos em português, mas de ressaltar o modo como diferentemente do ouvinte que conhece o mundo através dos cinco sentidos em separados, o surdo o conhece através de quatro deles, já que os sentidos da audição e da visão lhes são compactados pela acuidade visual. O trabalho com poemas que expressam realidades assim serve para fortalecer o empoderamento² do aluno surdo, no sentido de este se perceber como alguém que é diferente, mas que é tão normal quanto todos os ouvintes.

Essas produções devem ser ensaiadas sob a supervisão do professor. Depois devidamente filmada, com direito à editoração e tudo! Uma vez prontas, as produções devem ser apresentadas numa atividade que tenha caráter de culminância, envolvendo alunos, professores e funcionários de toda a escola. Após isto, este material deverá ficar na biblioteca da instituição, não para enfeite somente, mas para, em outras oportunidades, serem empregados nas aulas cujo conhecimento a ser estudado combina com a sua utilização. Como exemplo, sugerimos o estudo de Classificadores (CL), Gêneros textuais, entre outros.

Nesta ótica, mesmo reconhecendo, também, a relevância da utilização de produções adaptadas ou traduzidas, ressaltamos que as produções originais da cultura surda precisam ter prioridade. No Brasil não temos muitas destas produções, mas temos o livro de Tibi e Joca (Bisol, 2001) e o de Casal Feliz (Cleber Couto, 2010)³.

Aproveitando o que Quadros e Sutton-Spense (2006, p. 116) afirmam sobre o valor da poesia para o empoderamento do povo surdo, nós também valorizamos as contribuições da história para esse empoderamento, uma vez que elas também retratam as experiências das vidas das pessoas surdas porque descrevem e legitimam a experiência surda.

Também nos reportamos às contribuições de Karnopp (2010, p. 172) para concordar que, ao contar/criar histórias por meio da sua língua os surdos buscam a abertura da auto

² Empoderamento era algo que faltava aos Surdos quando estes eram marginalizados não participando, por exemplo, nos processos políticos de tomada de decisões. Isto fazia com que, por séculos a fio, os ouvintes decidissem por eles considerando o ponto de vista jurídico, social e educacional. Hoje é diferente porque nas últimas décadas foi instituído um estatuto jurídico à pessoa surda como “pessoa diferente”. Isto tem causado uma evolução da Comunidade Surda enquanto comunidade que pretende tomar suas próprias decisões e estabelecer uma nova forma de diálogo com a comunidade ouvinte (que é socialmente dominante). Isto é empoderamento Surdo.

³ Tibi e Joca é um livro produzido por Bisol (2001) que conta a história da vida de um surdo, retratando a realidade existente na comunidade surda. Casal Feliz é um livro escrito por Cleber Couto que fala sobre encontros entre a mão vermelha e a mão azul.

representação na luta pela afirmação das suas identidades que são perpassadas pelas formas como narram as histórias, como as leem e as traduzem, pelas formas como julgam os produtos culturais que consomem e que produzem.

Como a ênfase é ofertada à produção de artefatos de Literatura Visual através de vídeos, julgamos interessante lembrar que Possebon e Peixoto (2013) oferecem alguns esclarecimentos a respeito da arte de produzir Literatura em LIBRAS, como os que se seguem:

Considerando o ambiente:

- É interessante a preocupação de se escolher um lugar iluminado e/ou de se colocar uma luz especial para a gravação da poesia, pois luz é requisito indispensável para que a sinalização da poesia fique clara à percepção do seu leitor.
- No caso do poeta surdo preferir utilizar uma parede lisa e sem imagem uma atenção especial deverá ser dispensada quanto a escolha da cor, pois esta precisa ser diferente da cor da pele e da cor da roupa do poeta.
- Quando o poeta escolhe sinalizar numa parede que contenha uma frase, um desenho ou uma imagem especial que combina com o tema do poema, deve ser observado o tamanho, o contraste da/s cor/es com a parede, bem como a posição do poeta em relação a esses incentivos. Inclusive a câmera deverá se posicionar de modo que foque todo o quadro, já que tudo está inserido no contexto de clarificação do/s sentido/s que o poeta pretende expressar através da sua obra literária e artística.
- Quando o poeta escolher lugares como a escola, o mar, parques ou perto de uma árvore, a pessoa que usa a câmera deve dispensar especial atenção para evitar congestionamentos visuais que possam comprometer a percepção do foco da mensagem.
- Há a opção de o poeta passar um filme atrás com imagens bonitas que combinam com o tema da poesia. Neste caso a filmagem da sinalização deverá acontecer num lugar especial com parede pintada de cor verde especial para colocar o filme depois, na edição.

Considerando a roupa:

- No geral os poetas sinalizadores escolhem roupas lisas e de cor diferente da pele e da parede em que vai filmar a sinalização.

- Escolher roupas especiais que combinem com o tema da poesia também é um recurso interessante. Neste caso os detalhes precisam ser afinados com o tema, mas sem muito estardalhaço, uma vez que a simplicidade facilita a percepção da relação roupa e tema, sem tirar o foco da atenção do leitor. Um exemplo muito comum é a utilização da roupa azul com o desenho de uma fita azul, lembrando o “Setembro Azul”, enquanto símbolo da luta dos surdos pelo direito de ter escolas bilíngues.
- Como o uso da expressão facial é muito importante porque precisa ser bem vista pelo leitor, os poetas sinalizadores evitam usar chapéus ou óculos escuro. Mas se houver necessidade do uso do chapéu, este deverá estar bem preso na cabeça e numa posição que nem de longe comprometa a percepção das expressões faciais.
- O cabelo do poeta sinalizador deverá estar bem penteado ou preso e sem rolés extravagantes, pois nem pode cobrir a expressão facial nem chamar a atenção, desviando o foco do leitor da sinalização e expressões faciais.
- Quando o poeta sinalizador costuma usar esmalte e maquiagem, deve evitar as cores fortes e preferir as mais suaves e fracas, pois as fortes atrapalham a boa visualização dos sinais e também desvia a atenção do leitor. Os brincos grandes, as pulseiras, anéis e cordões devem ser evitados porque também atrapalham.

Considerando filmagem e edição

- Assim como acontece nos filmes, durante a filmagem produzida pelo poeta sinalizante a câmara pode se movimentar, se balançar (fazer outros diferentes movimentos), se aproximar ou se afastar para produzir maiores emoções nas pessoas que estão assistindo. Também pode se aproximar bastante para mostrar mais claramente uma expressão facial relevante, inclusive chegar bem perto das mãos durante a emissão de um sinal em destaque.
- O momento da edição é muito importante porque desta ação depende toda a beleza da poesia. Por isto durante a montagem os erros precisam ser excluídos, as imagens melhoradas e feitas outras coisas com a imagem para a poesia ficar mais bonita e expressiva nos seus sentidos constituintes. Assim, a imagem pode oscilar entre colorida e preta e branca, podem ser inseridas legendas, vídeos, fotos e imagens atrás do poeta que sinaliza.

Esperamos que, em muito, essas dicas possam animar o professorado a incentivar o alunado surdo a criar as suas obras literárias, mesmo dispondo de poucos recursos para fazer isto. Certamente constatará que vale a pena!

Conclusão

No Brasil, a crescente criação de Literatura Surda, com sujeitos surdos, através de projetos acadêmicos vem contribuindo para a possibilidade de futuramente termos mais acessos a narrativas brasileiras autenticamente surdas registradas em livros ou vídeos. Considerando o valor da literatura na vida das pessoas surdas e ouvintes, é possível reconhecer a obrigação que professores surdos têm para trabalhar com Literatura Surda com seus alunos surdos e ouvintes no ensino da LIBRAS como L1 e L2.

Como possibilidades de realização de trabalhos que podem ser desenvolvidos na temática de Literatura Visual/Surda sugerimos que nas escolas e nas universidades, bem como nas Associações de Surdos, sejam desenvolvidos projetos que estejam relacionados a diferentes maneiras de utilizar a Literatura Surda não só para o ensino da LIBRAS, mas, também de outros conteúdos contidos no currículo escolar.

Referências

- BISOL, Cláudia. **Tibi e Joca – uma história de dois mundos**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001. Ilustrações Marco Cena. Participação especial de Tibiriçá Vianna Maineri.
- COUTO, Cleber. **Casal Feliz**. Ilustrações: Cleber Couto, Belém – Pará, 2010.
- HALL, Stuart. The Work of Representation. In: HALL, stuart (Org.) **Representation Cultural Representation and Signifying Practices**. Sage/Open University: London/Thousand Oaks/New Delhi, 1997.
- KARNOPP, Lodenir. **Literatura Surda**. Curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.
- PERLIN, G. T. Identidades surdas In: SKLIAR, C. **A surdez um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- PERLIN, G. T.. O lugar da Cultura Surda. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maria Corcini. (Org.). In.: **A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.
- QUADROS, R. M.; SUTTON-SPENCE, R. Poesia em Língua de sinais: traços da identidade surda. In: _____, (Orgs.) **Estudos surdos**. Petrópolis: arara Azul, 2006, pp. 110-165)
- SANTANA, A. P.; GERGAMO, A. Cultura e identidades surdas: encruzilhadas de lutas sociais e teóricas. In.: **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 565-582, Maio/Ago. 2005
- STROBEL, Karin. - **As Imagens do outro sobre a Cultura Surda**. Editora UFSC: Florianópolis, 2008.
- POSSEBON, Fabrício e PEIXOTO, Janaína. Estágio Supervisionado III. In: ADRIANO, Nayara de Almeida e PEIXOTO, Janaína Aguiar, organizadoras. **Língua Portuguesa e LIBRAS: teorias e práticas**. Vol. 7. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013, p. 221-254.
- SÁ, Nídia Regina Limeira. **Cultura, Poder e Educação de Surdos**. Manaus: Editora Universidade Federal do Amazonas, 2002.
- SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima, et. al. **Ensino de Língua Portuguesa para Surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Vol. 1. Brasília, 2004. Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos.